

## **O amor e o feminino no século XXI**

*Anícia Ewerton*

Neste trabalho, proponho-me a falar sobre "O amor e o feminino no séc. XXI" do ponto de vista da psicanálise de orientação lacanianiana. Para guiar-me nesse tema, a partir do qual procuro apontar as possíveis mudanças ocorridas ou não em relação ao amor e ao feminino, recorri a Freud e a Lacan tendo em vista a maneira como eles os situam no século XX. O amor e o feminino: o que há de comum nesses dois conceitos que me permitiu conjugá-los nesse texto? Foi pautando-me em Freud e em Lacan que busquei a resposta para esse questionamento sem a pretensão de esgotá-lo.

Sob a perspectiva freudiana que inaugura as construções teóricas da psicanálise, pode-se dizer que a aproximação desses dois campos, o do amor e o do feminino, ocorre pelo fato de ambos conterem em suas construções a questão da falta.

A falta se inscreve no sujeito a partir de uma experiência infantil traumática, na qual a mulher é vista como castrada e o homem como aquele que deve preservar o que tem, uma vez que corre o risco de perdê-lo. Essa experiência foi pensada e formulada por Freud como complexo de castração e complexo de Édipo<sup>1</sup>.

Na "Conferência 33", Freud<sup>2</sup> diz que o abandono da atividade fálica, isto é, da masturbação clitoriana pela menina prepara o terreno para a feminilidade. Nesse sentido, pode-se dizer que, para ele, o feminino é pensado para além da questão fálica. Foi tomando por base o complexo de castração que Freud elaborou suas construções em relação ao feminino. Conseqüentemente, a mulher é apresentada como um ser marcado por uma falta, um menos, um ser inferior, introduzindo-a, assim, na lógica da incompletude. Essa construção feita por Freud é da ordem do imaginário.

Lacan, por sua vez, também articula tais conceitos sob a perspectiva da falta não em termos anatômicos, como o faz o pai da psicanálise, mas sob o ponto de vista do significante que falta à mulher, impossibilitando sua definição em termos de um universal.

Nos anos 70, ao pensar a questão do feminino, ele introduz outra lógica e apresenta as fórmulas da sexuação<sup>3</sup>. Nessa elaboração, encontramos dois campos bem delimitados: de um lado, estão aqueles que se inscrevem completamente na função fálica, os sujeitos masculinos; do outro, estão aqueles que não inscrevem todo seu ser nessa função, os sujeitos femininos. Ao dizer que A mulher não existe, Lacan não está dizendo que o lugar da mulher não existe, nem tampouco que não existem as mulheres. O que não existe é um significante que nomeie a mulher e que constitua um todo.

Ao retomar a questão do feminino, a partir das fórmulas da sexuação, Lacan se distancia dos termos anatômicos, de um menos, da lógica da incompletude tal como proposta por Freud. Valendo-se de outra lógica, sua construção enfatiza que a posição feminina está definida em termos de gozo, um outro gozo, e nos apresenta o Outro da inconsistência marcando, assim, a diferença em relação ao fálico, ao masculino.

Ao longo do ensino de Lacan, encontramos as diferentes maneiras com que uma mulher pode se colocar na posição feminina diante do homem amado: como objeto causa de desejo de um homem; como semblante de objeto para a fantasia de um homem e como sintoma, que, como tal, entra em uma cadeia de repetição.

As saídas encontradas por Freud e Lacan diante da falta que marca a mulher são bem diferentes. Segundo Freud, a única saída para a mulher é pela via do *ter*: ter um filho. Nesse sentido, a maternidade é o caminho para a mulher deixar de ser um menos. Para Lacan, ser mãe não dá conta do feminino. Por conseguinte, ele vislumbra uma saída para a mulher pela via do *ser*, "ser o falo"<sup>4</sup>. Esta saída leva a mulher a fabricar um ser a partir do nada.

E o amor? Por que o amor é pensado nessa dimensão da falta, de uma experiência de castração?

Na perspectiva freudiana, encontramos inicialmente o amor narcísico e o amor anaclítico. O amor narcísico implica uma relação especular, imaginária ( $a = a'$ ), não querendo saber nada sobre a diferença e refletindo, assim, uma pretensa simetria amorosa entre os casais. Nessa versão, em que se ama aquele que é igual a si, o amor tem que fazer Um, estabelecendo a crença na possibilidade de uma fusão. Não é um amor em que se quer o bem do outro, não é altruísta, é egoísta, pois se quer que o outro o complete. Diante de qualquer vislumbre de uma pequena diferença, o que era amor passa a ser ódio ( $a \neq a'$ ). O amor narcísico, formulado por Freud<sup>5</sup>, vela a falta, a castração, vela esse menos da mulher. O amor anaclítico, por sua vez, é assimétrico. De acordo com Freud, esse tipo de amor surge nos primeiros momentos de vida da criança e se apoia nos objetos de amor também responsáveis por sua sobrevivência, como, por exemplo, a mãe que alimenta e o pai que protege.

Considerando o amor narcísico formulado por Freud, trago a seguinte questão: será que na relação entre um homem e uma mulher o amor só surge mediante um velamento da castração? De acordo com Lacan, para que o amor possa acontecer nesse tipo de relação é preciso aceitar e não velar a castração, a falta<sup>6</sup>.

No *Seminário, livro 8: a transferência*, nos diz Lacan: "O amor é dar o que não se tem, e só se pode amar fazendo-se como se não se tivesse, mesmo que o tenha. O amor como resposta implica o domínio de não ter. Dar o que se tem é a festa, não é amor"<sup>7</sup>. Em outras palavras, Lacan nos diz dessa forma que o amor é uma significação que aparece na conjugação do desejo com seu objeto. Acreditamos que amamos um sujeito, no entanto, é um objeto oculto, conhecido como *agalma*, que é amado.

Em mais uma articulação sobre o amor, Lacan diz que o amor é contingencial, decorre de um encontro imprevisto que é da ordem do real, quebrando então as coordenadas simbólicas e imaginárias que organizavam o sujeito<sup>8</sup>. Essas coordenadas, porém, se restabelecem, criando a ilusão da necessidade do amor. Em outros termos: a ele é atribuída sua condição de destino.

O amor masculino tem um caráter fetichista, ou seja, para que uma mulher seja seu objeto de desejo, o homem a reveste com um brilho fálico. Do lado da mulher, o que vamos encontrar é uma relação com  $S(\mathbf{A})$ , que Lacan nomeará como uma versão erotomaniaca do amor, pois, para a mulher, o amor adquire um valor supremo e se torna uma condição de gozo<sup>9</sup>.

Será que houve alguma mudança em relação ao amor e ao feminino no século XXI? Arrisco-me a dizer que sim. Primeiramente, em relação ao amor, a mudança ocorrida pode ser pensada a partir do 5º discurso de Lacan, o Discurso do

capitalista, uma vez que este foraclui a castração e favorece a perda da dimensão do amor. Em substituição a essa dimensão, surgem os objetos produzidos pelo mercado. A sociedade contemporânea é consumista, ou seja, em vez de amar, ela consome. Nesse sentido, até mesmo a mulher, em determinadas situações, passa a ser objeto de consumo do homem contemporâneo. Quanto ao feminino no século XXI, a discussão gira em torno da queda do viril, cuja consequência é um mundo cada vez mais feminilizado<sup>10</sup>.

---

<sup>1</sup> FREUD, S. (1986[1923]) "A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade". In *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

<sup>2</sup> FREUD, S. (2012[1932]). "A feminilidade". In: Caldas, H.; Murta, A.; Murta, C. (Orgs). *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do Simbólico*. Belo-Horizonte: Scriptum, p.31.

<sup>3</sup> LACAN, J. (1985 [1972-73]). *O Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>4</sup> Lacan, J. (1998 [1957]). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

<sup>5</sup> FREUD, S. (1986 [1914]) "Sobre o narcisismo: uma introdução". *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora.

<sup>6</sup> LACAN, J. (1992 [1960-61]). *O Seminário 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>7</sup> Idem, p.345.

<sup>8</sup> LACAN, J. (1985 [1972-73]). *O Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>9</sup> RUSSO, L. & VALLEJO, P. (2011). *El amor y lo femenino*. Buenos Aires: Tres Haches.

<sup>10</sup> Cf. CALDAS, H.; MURTA, A.; MURTA, C. (Orgs.) (2012) *O Feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do Simbólico*. Belo-Horizonte: Scriptum.